

1 DE DEZEMBRO DE 1640

ÚLTIMA HORA! EL-REI D. JOÃO IV

Hoje, 1 de dezembro de 1640, um grupo de fidalgos introduziu-se no Paço da Ribeira, onde reside a Duquesa de Mântua, representante da coroa espanhola.

Seguidamente, mataram o seu secretário Miguel de Vasconcelos e, à janela, aclamaram D. João, Duque de Bragança, como rei de Portugal.

Terminam, assim, 60 anos de domínio espanhol sobre Portugal.

A revolução de Lisboa foi recebida com entusiasmo e júbilo em todo o País.

A Independência de Portugal é, assim, declarada num momento em que grande parte das forças espanholas estão envolvidas, desde 7 de junho, no combate à Sublevação da Catalunha, não tendo reagido de imediato.



Armas de Portugal



Coroação de D. João IV - Quadro de Veloso Salgado, Museu Militar, Lisboa.

TERMINA A DINASTIA FILIPINA

RESTAURAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

A dinastia espanhola dos *Filipes* governou o país entre 1580 e 1640.

Foi do balcão do Paço que foi proclamada a coroação do Duque de Bragança, futuro D. João IV, ordenado o cerco à guarnição militar do Castelo de S. Jorge e a apreensão dos navios espanhóis que se encontram no porto.

Até ao final deste ano, todas as praças, castelos e vilas com alguma importância devem declarar a sua fidelidade aos revoltosos.

É expectável, no entanto, uma futura retaliação espanhola. Para reforçar a defesa das fronteiras de Portugal, ordena-se o alistamento de todos os homens dos 16 aos 60 anos e que sejam fundidas novas peças de artilharia.

União Ibérica Dinastia Filipina

1581

Os portugueses aclamaram Filipe II, rei de Espanha, como rei de Portugal. São dois reinos para um mesmo rei, a chamada *União Ibérica*.

Página 03

Revolta do Manuelinho Évora

1637

Registaram-se intensos combates em algumas localidades e a repressão é forte.

Página 04

O Duque de Bragança

1604-1656

João IV, O Restaurador, é o líder da Guerra da Restauração pela reconquista da independência de Portugal do controlo de Espanha.

Página 06

1554-1578

El- Rei D. Sebastião

O rei “Desejado”

A 20 de janeiro de 1554 nasceu um pequeno príncipe que, aos três anos, se tornou rei.

Orfão de pai, sucedeu ao seu avô, o rei D. João III.

Foi-lhe dado o nome de D. Sebastião.

Dada a sua tenra idade, a sua avó e, depois, o seu tio-avô, o cardeal D.

Henrique, ficaram a tomar conta do reino em seu nome.

Cresceu rodeado de história de grandes feitos, desejando mostrar o seu valor.



Aos 14 anos assumiu o governo do reino.

Sonhou combater os muçulmanos e preparou-se para ir lutar para o Norte de África. Alguns, mais avisados, pediram-lhe que casasse, que assegurasse a descendência antes de partir.

Nada nem ninguém o demoveu!

Juntou companheiros da nobreza e lá foi cheio de entusiasmo à procura de glória. Tinha 24 anos!



A 4 de agosto de 1578 deu-se um confronto em Alcácer Quibir, no norte de África. O rei e muitos nobres que o acompanhavam morreram nesta terrível batalha. Outros foram feitos prisioneiros. Portugal fica sem rei!

Era preciso tomar conta do reino e, como o jovem rei não deixou descendentes, assumiu o trono o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique.

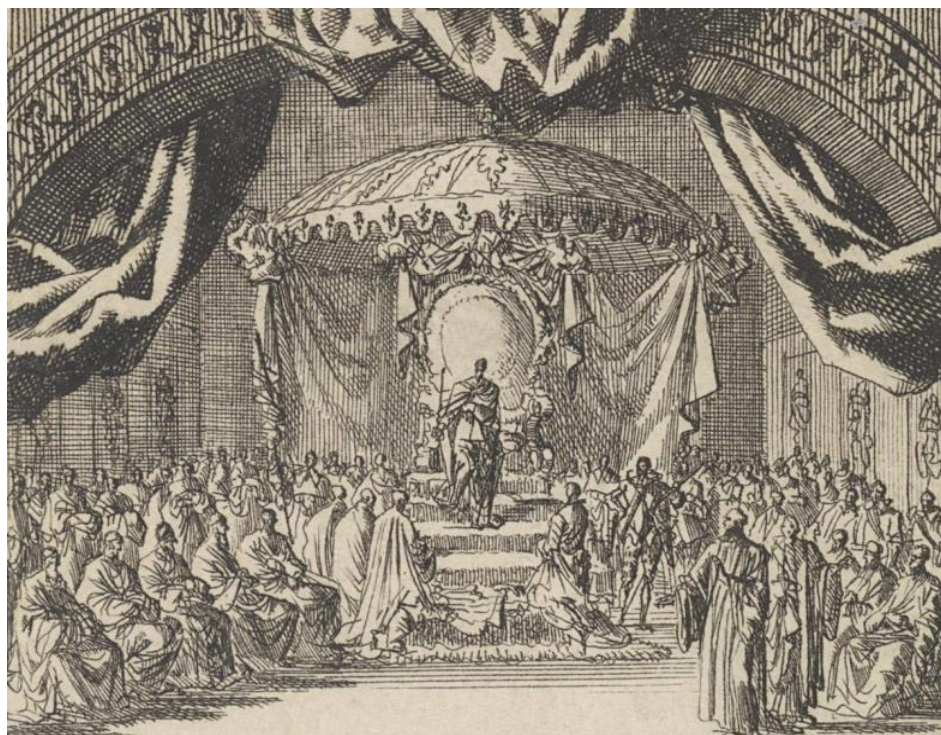
Em 1580, reuniram-se as Cortes em Almeirim e o monarca declarou considerar D. Catarina e Filipe II de Espanha os candidatos mais óbvios à sua sucessão no trono de Portugal.

A solução, porém, não foi duradoura, pois o velho cardeal morreu nesse ano.



D. Henrique (1512-1580), o Casto

Fim da Independência!



As Cortes de Tomar, 1581

1581

As Cortes de Tomar

Os pretendentes ao trono

Em Tomar reuniram-se as Cortes.

Surgiram os pretendentes, todos netos de D. Manuel: D. Filipe II, filho de D. Isabel, D. António (Prior do Crato), filho de D. Luís, e D. Catarina (duquesa de Bragança), filha de D. Duarte.

O mais poderoso era Filipe II, rei de Espanha. O reino vizinho passava por um período de grande prosperidade e, por isso, muitos portugueses deram o seu apoio ao rei estrangeiro que não se poupou a fazer grandes promessas...

No Convento de Cristo, em Tomar, D. Filipe é aclamado Rei de Portugal.

1580-1640

União Ibérica

Dois reinos, um só rei!

Em 1581, os portugueses aclamaram Filipe II, rei de Espanha, como rei de Portugal. Eram dois reinos para um mesmo rei, a chamada *União Ibérica*.

Dinastia Filipina



Filipe I de Portugal



Filipe II de Portugal



Filipe III de Portugal



O reinado de Filipe I de Portugal foi um reinado de prosperidade económica.

Nos reinados de D. Filipe II e D. Filipe III, Portugal viveu uma recessão económica.

Os nossos direitos deixaram de ser respeitados, muitas embarcações portuguesas foram atacadas e tomadas por outros países inimigos de Espanha, os nossos territórios coloniais não eram defendidos dos ataques de outros povos.

O rei Filipe III quis transformar Portugal numa província espanhola, retirando a relativa autonomia que ainda tinha. A agravar, aumentou os impostos dos portugueses para suportar as despesas das guerras que enfrentava com França e com a Inglaterra e mobilizava militares para os exércitos espanhóis.



Armas de D. Filipe I

Passaram-se 60 anos de domínio filipino!

Os portugueses sentiam-se abandonados à sua sorte. Os inimigos de Espanha tornaram-se nossos inimigos, os impostos subiam, o reino estava em crise...

Pelas ruas crescia o descontentamento popular.

“Sebastianismo”

A lenda de El-Rei D. Sebastião

O **sebastianismo** foi um movimento profético que surgiu em Portugal no final do século XVI como consequência do desaparecimento do rei D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir.

Os portugueses acreditavam que D. Sebastião voltaria para salvar Portugal dos problemas desencadeados pelo seu desaparecimento.

Título: *Os demónios de Alcácer Quibir*

Música: Sérgio Godinho

O Dom Sebastião foi para Alcácer Quibir
De lança na mão
A investir, a investir
Com o cavalo atulhado de livros de história
E guitarras de fado pra cantar vitória

O Dom Sebastião já tinha hipotecado
Toda a nação por dez reis de mel coado
Para comprar soldados
Lanças, armaduras
Para comprar o V das vitórias futura

O Dom Sebastião era um belo pedante
Foi mandar vir para uma terra distante
Pôs-se a discursar
Isto aqui é só meu
Vamos lá trabalhar
Que quem manda sou eu

Mas o mouro é que conhecia o deserto
De trás para diante e de longe e de perto
O mouro é que sabia
Que o deserto queima
E abraça o mouro é que jogava em casa

E o Dom Sebastião levou tantas na pinha
Que ao voltar cá encontrou a vizinha
Espanhola sentada na cama
Deitada no trono
E o país mudado de dono

E o Dom Sebastião acabou na moirama
Um bebé chorão
Sem regaço nem mama
A beber, a contar
Tim por tim tim
A explicar, a morrer, sim
Mas devagar

E apanhou tal dose do tal nevoeiro
Que a tuberculose o mandou para o galheiro
Fez-se um funeral com princesas e reis
E etcetera e tal, Viva Portugal



Lisboa

Duquesa de Mântua, Vice-rainha de Portugal

D. Margarida de Sabóia (1589-1655)

Margarida de Saboia, Duquesa de Mântua, era neta do rei Filipe II de Espanha e, portanto, prima do rei Filipe IV de Espanha (D. Filipe III de Portugal).

Em 1634, durante o domínio espanhol, foi nomeada vice-rainha de Portugal, tendo reinado por seis anos.

O seu governo foi pautado pela manutenção da unidade ibérica, mas a corrente nacionalista portuguesa reagiu a este domínio e, em 1640, a Restauração da Independência de Portugal determinou o fim do reinado da Duquesa de Mântua.

Na manhã do dia 1 de dezembro desse ano, um grupo de nobres tomou de assalto o palácio real de Lisboa e Margarida de Saboia foi presa no Convento de Santos.



Évora

Revolta do Manuelinho

Populares descontentes



Revolta do Manuelinho a 21 de agosto de 1637
Azulejo de Jorge Colaço na estação de comboio de Évora

O anúncio de novos impostos foi o rastilho da revolta que começou nas ruas e incendiou as casas de nobres e representantes da coroa espanhola na cidade de Évora.

Os comunicados, emitidos por uma junta governativa nomeada pelo povo, são assinados pelo Manuelinho, uma conhecida personagem, considerada louca, que vagueava pela cidade.

Registaram-se intensos combates em algumas localidades e a repressão foi forte. Vários líderes da revolta foram capturados, julgados e mortos. Outros escaparam e foram condenados à revelia.

De cariz popular, estendeu-se ao Alentejo e Algarve e só forças militares enviadas de Castela conseguiram reprimir a vontade das populações.

A *Revolta do Manuelinho*, também conhecida como as *Alterações de Évora*, é apontada como o acontecimento que motivou a nobreza portuguesa a iniciar a conspiração que viria a resultar na declaração de independência de 1640.

Não acudia Filipe IV [III de Portugal] à defesa e recuperação das nossas conquistas que eram tomadas pelos inimigos de Castela. Affligia e vexava os povos com tributos insuportáveis, sem serem impostos em Cortes. Gastava as rendas comuns em guerras alheias, vendia por dinheiro os ofícios da Justiça e da Fazenda e provia neles pessoas indignas e incapazes.

Francisco Velasco Góvea, *Justa aclamação do Sereníssimo Rey de Portugal, D. João IV*, 1848

Vila Viçosa

D. João IV coroa N.ª Sr.ª da Conceição

Rainha e Padroeira de Portugal

SABIAS QUE...

Nossa Senhora da Conceição é Rainha e Padroeira de Portugal?

D. João IV coroou a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Viçosa, como Rainha de Portugal nas cortes de 1646.

Tirou a coroa de sua cabeça e colocou-a na de Nossa Senhora. Desde essa data mais nenhum rei ou rainha de Portugal usou coroa.



Painel de azulejos N.ª Sr.ª da Conceição

Conspiração

Os conjurados de 1640

Palácio da Independência



Os conjurados de 1640 - quadro de M. Gustavo

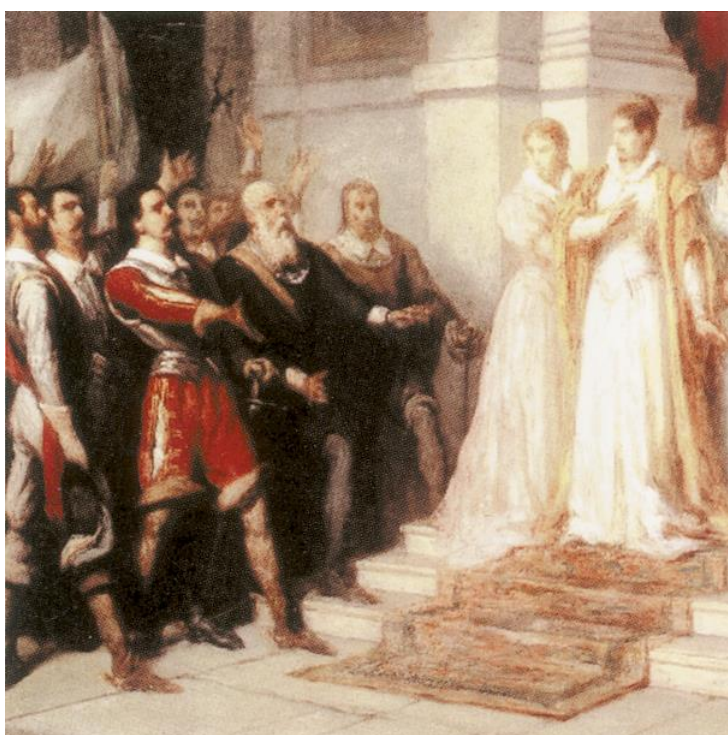


Os **Quarenta Conjurados** foram um grupo patriótico português, nascido clandestinamente nos últimos anos do domínio espanhol sobre Portugal, responsável pelo golpe de 1.º de Dezembro de 1640 que eliminou a união dinástica entre o Reino de Espanha e o Reino de Portugal.

Era constituído por cerca de cinquenta homens, de quarenta famílias da nobreza, daí também serem conhecidos por *Os Quarenta Aclamadores*, por estarem envolvidos quarenta brasões.

Eram, na sua maioria, familiares dos nobres portugueses que tinham ficado presos e destituídos de quase tudo no desastre de Alcácer Quibir, que nada puderam fazer contra um diferente destino de Portugal, anos antes, durante a crise dinástica, cuja sorte tinha imposto o domínio de um rei castelhano sobre os destinos do Reino de Portugal.

A 1 de Dezembro de 1640, *Os Conjurados* invadiram o Paço da Ribeira onde se encontrava a vice-rainha de Portugal, a Duquesa de Mântua e o seu secretário-geral Miguel de Vasconcelos. Perante a invasão, a Duquesa de Mântua escondeu-se num armário e Miguel de Vasconcelos foi "defenestrado" (atirado pela janela) o que lhe causou a morte. Proclamaram rei D. João IV, Duque de Bragança descendente de D. João I, aos gritos de "Liberdade". O povo e toda a nação portuguesa correu logo a apoiar a revolução, Restauração da Independência, e assim, D. Filipe III de Portugal, que se encontrava já a braços com uma revolução na Catalunha, não teve como retomar de imediato o poder em Portugal.



A prisão da Duquesa de Mântua



Assassinato de Miguel de Vasconcelos

D. João, Duque de Bragança – O Restaurador

Vila Viçosa

Um grupo de conspiradores dirigiu-se a Vila Viçosa para pedir a D. João, Duque de Bragança, que tomasse as rédeas da conjura e que aceitasse a coroa dos seus avós.

O Duque, homem de coragem, mostrou forte apreensão. A Espanha, apesar de atravessar dificuldades, continuava a ser um reino poderoso. Era necessário arranjar apoios no exterior, pois a sua “cabeça estaria a prémio”!

Conta-se que a sua esposa, D. Luísa de Gusmão, o terá incentivado dizendo-lhe que “prefiro ser rainha por uma hora que duquesa toda a vida”!

No dia 1 de dezembro de 1640, o povo aclamou D. João como Rei de Portugal.

Quinze dias depois, realizaram-se as cortes em Lisboa, onde foi aclamado como D. João IV - o Rei Restaurador. Começava a quarta dinastia - a Dinastia de Bragança.

Estava restaurada a Independência de Portugal. Espanha não aceitou a decisão tomada nas cortes de Lisboa.

Iniciava-se a Guerra da Restauração que durou 28 anos. Espanha só reconheceria a independência de Portugal em 1668.

*“Prefiro ser rainha por uma hora
que duquesa toda a vida”!*

D. Luísa de Gusmão



D. João, Duque de Bragança



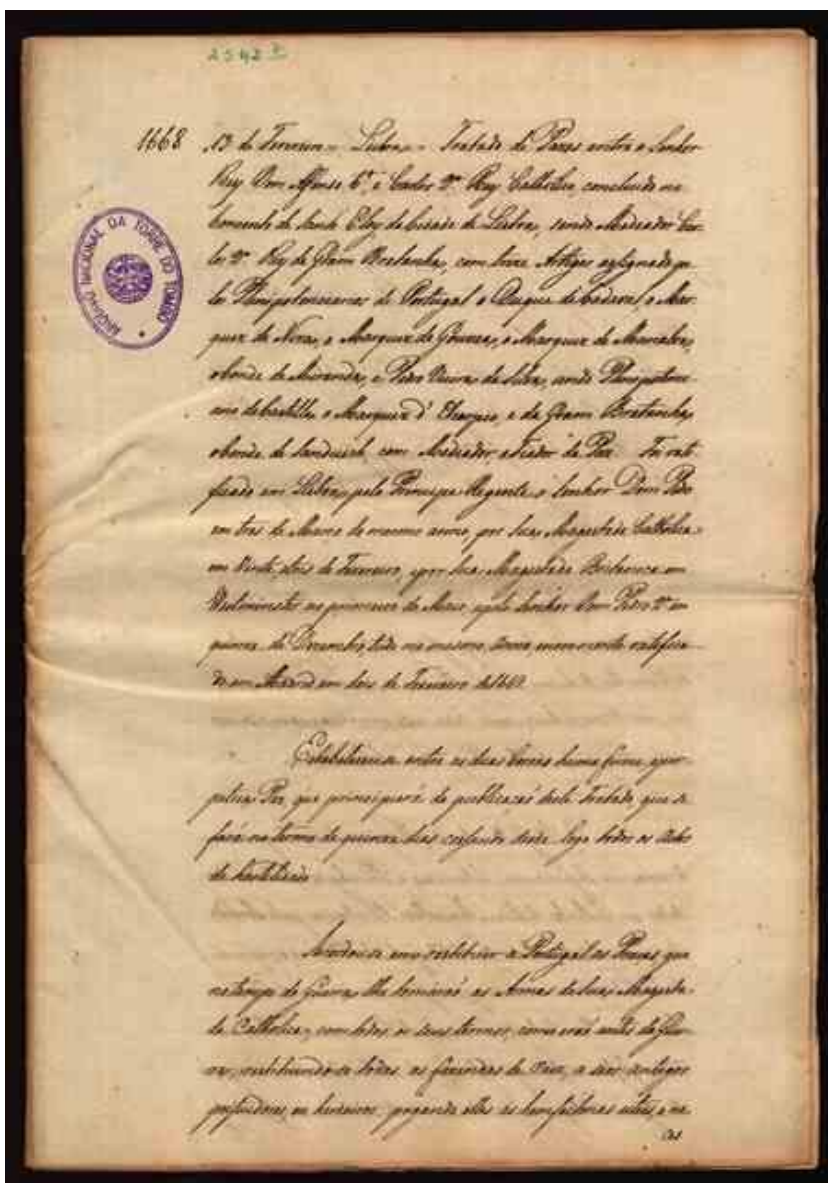
Tratado de Lisboa A Paz de 1668, entre Portugal e Espanha

Na sequência da Restauração da Independência portuguesa a 1 de dezembro de 1640, após a dinastia filipina (1580-1640), é assinado em 1668 um Tratado de Paz entre Carlos II de Espanha, que assina em Madrid a 5 de janeiro, e D. Afonso VI, que ratifica a 13 de fevereiro em Lisboa. O acordo teve a mediação de Carlos II de Inglaterra, que ficava como garante da paz.

Nos seus 13 artigos, o tratado estabelecia uma paz perpétua, a cessação imediata das hostilidades nos reinos e senhorios de Espanha e Portugal. Devia haver “boa correspondência e amizade”, esquecendo os danos e ofensas passadas e podendo voltar a circular livremente as pessoas e as mercadorias. De ambas as partes devia-se restituir as presas feitas e a artilharia, deixando as praças e terras indevidamente ocupadas, com exceção de Ceuta, que ficaria em poder de Espanha. Os prisioneiros de guerra seriam trocados, sem qualquer exceção.

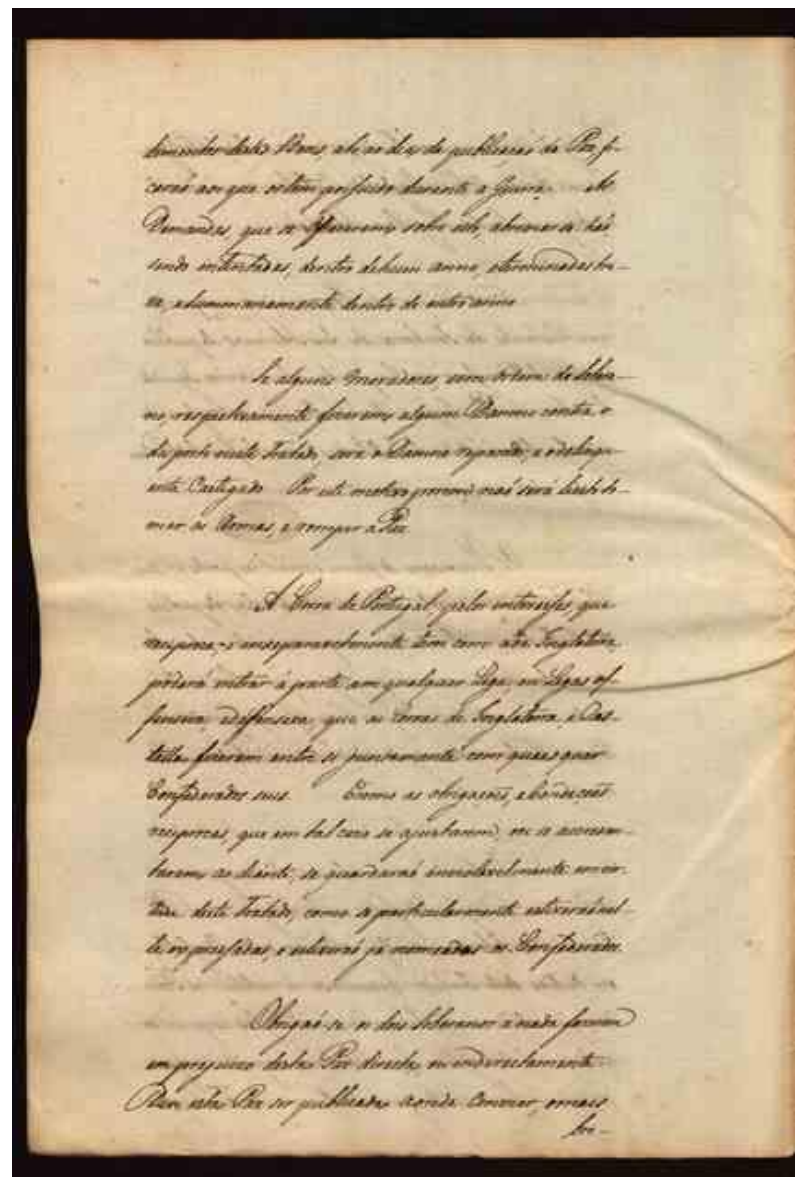
A Espanha reconheceu definitivamente a independência de Portugal e os seus domínios coloniais.

IANTT - ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO



1668. *Tratado de Pazes entre o senhor rei D. Afonso VI e Carlos II rei católico de Espanha concluído no convento de Santo Elói da cidade de Lisboa, sendo mediador Carlos II rei da Grã-Bretanha [...]*.

Portugal, Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria, n.º 2542



6 CURIOSIDADES

No dia 1 de dezembro celebra-se a **Restauração da Independência**, um acontecimento que ocorreu há quatro séculos. É feriado nacional em Portugal, mas será que sabemos tudo sobre o que aconteceu em 1640?

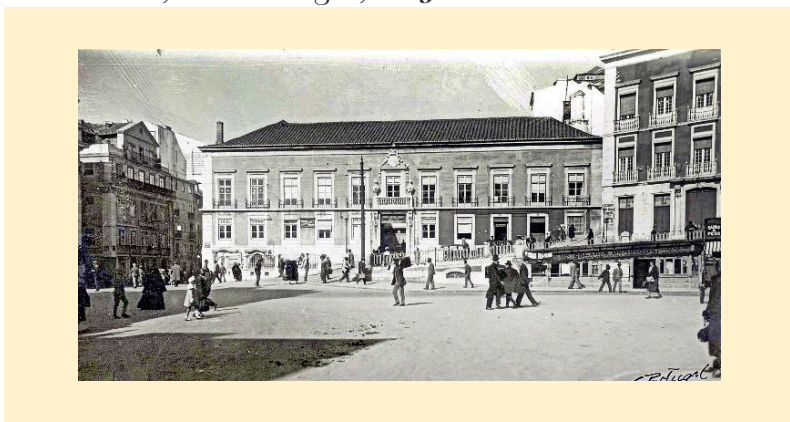
1. D. António, Prior do Crato, Rei de Portugal

Após a morte de D. Henrique, em 1580, grande parte do clero e da nobreza apoiavam D. Filipe, mas o povo aclamou D. António como Rei de Portugal. Governaria durante cerca de 20 dias, até ter sido derrotado na Batalha de Alcântara pelo exército espanhol comandado pelo Duque de Alba.



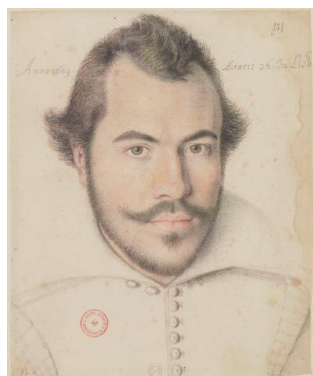
2. O local onde a Restauração foi planeada

Situado no Largo de São Domingos, junto ao Largo do Rossio, em Lisboa, o Palácio da Independência foi o local escolhido para as reuniões conspirativas que juntaram os nobres que pretendiam derrubar do trono de Filipe III de Portugal colocando, no seu lugar, D. João IV.



3. O herói da Restauração

Antão Vaz de Almada foi um dos 40 conjurados do golpe de estado de 1 de dezembro de 1640 contra o governo castelhano e há quem afirme que foi o líder do movimento. Foram várias as reuniões secretas de apoio ao futuro João IV de Portugal, duque de Bragança, nomeadamente a última quatro dias antes dessa data, que se fizeram no seu palácio, hoje conhecido por Palácio da Independência.



4. Uma ajuda involuntária da Catalunha

A sublevação da Catalunha, conhecida como Guerra dos Segadores, em 1640, alimentou a esperança de uma restauração bem-sucedida e garantiu que os portugueses conseguissem repelir ataques e construir uma estratégia de defesa.

Sem a revolta da Catalunha, que atraiu grande parte das tropas, não teria sido possível assegurar a construção ou o reforço das fortificações fronteiriças de Portugal.

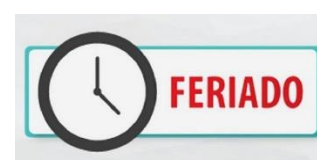


5. Quem saiu vitorioso? A Inglaterra

Em 1661, havia notícias seguras de que Espanha estava a preparar uma grande invasão a Portugal. Portugal estava cada vez mais dependente do apoio de Inglaterra e negociou, por isso, um novo tratado que confirmou a velha aliança luso-britânica e o casamento da princesa Catarina de Bragança com o rei de Inglaterra, Carlos II, que ocorreu no ano seguinte. A esperada invasão espanhola veio a acontecer uns meses depois. Os espanhóis chegaram a tomar posse de Évora, mas a invasão acabou por ser repelida pelo exército português, com a ajuda de milhares de soldados ingleses.



6. O único feriado nacional relacionado com a monarquia



O dia 1 de dezembro é feriado desde a segunda metade do século XIX e é o feriado civil mais antigo, tendo sobrevivido à Primeira República, ao Estado Novo e à chegada da democracia.

Após a revolução republicana de 1910, um decreto acabou com os feriados religiosos e instituiu apenas cinco feriados civis. Os republicanos aceitaram apenas uma celebração civil vinda da monarquia: o feriado que marca a Restauração da Independência em relação a Espanha.